ALBERTO RAMOS

ELEGIAS E EPIGRAMMAS

RIO DE JANEIRO
Jacintho Ribeiro dos Santos
EDITOR
82, RUA S. JOSÉ, 82

1919

9149
e

ELEGIAS E EPIGRAMMAS

MARIO DE ANDRADE

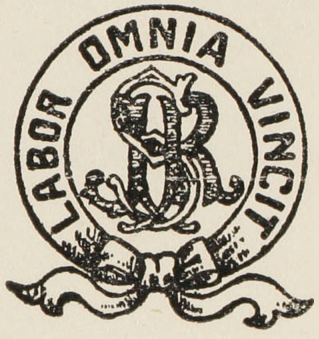
A | TT
C | 49

DO MESMO AUTOR:

Versos Prohibidos, Rio de Janeiro, 1918.
Poemas do Mar do Norte, de H. Heine.
Ode do Campeonato, Rio de Janeiro, 1902.
Ode a Santos Dumont, Laemmert & C., 1903.
Odes, Rio de Janeiro, 1909.
O Ultimo Canto de Fauno, 1913.

ALBERTO RAMOS

ELEGIAS E EPIGRAMMAS



RIO DE JANEIRO
Jacintho Ribeiro dos Santos
EDITOR
82, RUA S. JOSÉ, 82

1919

146

MA
863.9149
R175 e

O Homem, galgada a encosta escarpada do monte,
assentou-se e chorou, com as mãos cobrindo a fronte.
Entre si concertando, os discipulos perto
espreitavam o céu luminoso e deserto,
indifferente á dor daquelle justo. Um disse,
apontando a cidade orgulhosa: "Immundicie!"
Outro: "Horror e abjecção!" E o terceiro: "Impostores,
ai de vós! phariseus, escribas e doutores!
Desça o fogo do céu sobre a raça execrada!"

Mas o Homem, descobrindo a face amargurada,
" Nescios! disse, não culpo o coração alheio.
E si chóro, é que em mim eu mesmo já não creio."

I

Escuta e lhe ouvirás um borborinho estranho
de ondas batendo ao longe em criptas de granito.
Eil-a, é tua! Uma flor a excedêra em tamanho!
Mas dentro ruge o mar, infinito, infinito.

II

O cáes á noite. Longe o farol no oceano.
Uma véla que passa, outra que pende e espera.
Adeus! meu coração navega a todo panno,
Lidia, para o paiz do sonho e da chimera.

Adeus porto, cidade, adeus praias e areias!
Negros céus, trovejai; rugi, ventos bravios!
Minha alma anda no mar onde cantam sereias
e a saudade acompanha a fuga dos navios.

III

Tenho dentro de mim vossa imagem presente
si estou junto de vós ou si de vós me aparto.
Cada dia vos vejo a mesma e differente
e cada dia emfim de vos vêr não me farto.

Cada dia descubro uma nova surpresa,
um novo agrado em vós, um novo enleio ainda.
Renasceis como o sol. Sois como a natureza,
que todas as manhans apparece mais linda.

IV

Como pódes andar e seguir teu caminho,
desdenhosa, soberba, altiva, indifferente,
que não ouças no pó, soerguido e fremente,
meu coração gemer e soluçar baixinho?

Como pódes dormir teu somno socegado,
de candura, innocencia e de graça vestida,
sem que uma voz te falle, ardente e commovida,
uma voz, minha voz, um suspiro, um cuidado.

Como pódes sorrir, como pódes ser bella,
si desprezas o amor e lhe voltas o rosto
quando o vês á tardinha afflicto e descomposto
rondar com pé furtivo e espreitar com cautela

o divino, opportuno, ineffavel instante
de surprender-te incauta e de afferrar-te nua
e de pousar a boca abrasada na tua
e suscitar um deus no vergel palpitante!

V

Deuses, de tantos bens que a fortuna dispensa,
honras, premios, favores,
dos sabios, dos heróes, dos grandes recompensa,
applausos e louvores,

vosso servo fiel, diligente e constante.
só vos pediu a graça
de respirar a flor fugitiva do instante
breve e feliz que passa;

de viver e ignorar a tristeza afflictiva,
a velhice importuna,
e de mostrar ao mundo a mesma face altiva
na boa ou má fortuna.

VI

Lola, não te envelhece o tempo nem a idade.
O outono sazonou teus fructos soberanos.
Formosa Lola, em ti, belleza e mocidade
brilham divinamente a despeito dos annos.

O espelho que reflecte as graças do teu rosto
não te engana, cruel, quando te diz que és linda,
que recreias a vista e deleitas o gosto,
e que deves amar e que és amada ainda.

Que da sala ao jardim, rosa entre as rosas brilhas,
em festas e saráus reinas bella entre as bellas,
e, si sais a passeio, ao pé de tuas filhas
pareces mais menina e mais formosa que ellas.

VII

A P. B.

Rompendo a treva, o sol, sem medir, se reparte.
E o polipo, o infusorio, os abutres, as féras,
o ser mais baixo e vil, todos têm sua parte
daquelle amor que move os mundos e as esféras.

Podeis fugir-me! Em vão! Larvas, insectos, mundo
apparente e fallaz que vivifica o dia!
De calor vos penetro e de luz vos inundo.
Meu coração em vós se transfunde e irradia.

VIII

Athenas tem mais sal e Roma tem mais arte;
Paris mais artificio.
Dadivosa fortuna igualmente reparte
o jus e o beneficio.

Tu tens teu céu, teu mar, teus montes, lindo Rio,
e tua cinta de aço.
Tres beijos de querer e tres de desafio,
e um só mortal abraço.

IX

Portentoso orador! Oh facundia inaudita!
Roma em peso te admira e segue com respeito.
Tua voz, Marco Tullio, é colera e vindita.
Fosse amor! Quem te déra um coração no peito!

Coração vivo e quente ardendo em pura flamma,
flamma que os corações óra accenda óra abrande,
e alto vôe no azul! Pobre grande homem, ama!
Só o amor é fecundo e só o amor é grande.

X

Vosso corpo, Climene, é o paiz de chimera,
de nectar e ambrosia,
que percorre, enfunada e soberba, a galera
da minha fantasia.

Sei o aroma que têm vossos lirios e rosas,
de quem sou servo e dono;
a polpa que entumece as fructas saborosas
do vosso rico outono.

Sei o gosto que deixa a delicia que dura;
o declive, a collina,
onde uma fonte bróta em meio da verdura,
delgada, crespa e fina.

Sei a vinha, o seu mel, sei a rosa, o seu cális,
o bosque e os arvoredos.
Doce e amavel paiz! já não têm vossos valles
para mim mais segredos.

Sei como é bom viver, preso do vosso encanto,
rei, vassalo e mendigo.
Amor! misterios sei que ao mundo ensino e canto.
Outros sei que não digo.

XI

Filho obéso de Baccho e da musa porcina,
suas, versificando, a contar pelos dedos
jambo e dáctilo. Em vão! A arte tem seus segredos
que Valerio não sabe e Horacio não ensina.

Alado sopro, o Verso é como as borboletas,
feixe ardente de luz maravilhosa e rica.
Fulvio, o teu verso é coxo, o hexametro claudica,
e o pentametro — horror! — caminha de muletas.

XII

Nunca fui nem serei dos teus amantes, lua
sentimental e caricata.
Sempre tive aversão aos teus bardos, á tua
cara obésa, redonda e chata.

Hoje, tenho-te horror! Emplastada á janella
do meu amor, a noite inteira,
para gaudio dos cães ficas de sentinella,
immovel! Treme, alcoviteira!

Já no pico do morro, annunciando a aurora,
um halo tenue se debuxa.
Canta o gallo, amanhece o dia! — Passa fóra,
velha horrenda! megéra! bruxa!

XIII

Manhan do mundo eterna renascida!
Gloria e deslumbramento!
Alma, renasce o sol, renasce a vida,
a alegria, o tormento.

O mar murmura ao vento matutino;
no mar vôa uma véla.
Vôa segura, segue o seu destino...
Quem te déra ir com ella!

XIV

Este dia acabou sem sol e sem occaso.
Uma bruma ligeira envolve o mar e o monte.
A rosa da tristeza agonisa no vaso.
Pésa nos corações a angustia do horisonte.

Meu lindo sol, tão lindo e tão cedo eclipsado!
Meu puro amor, tão puro e tão ardente outr'ora!
Mocidade! illusões! espectros do passado!
Que será de amanhan sem sol e sem aurora?

XV

Margarida do valle, agreste margarida,
radiosa de graça e de simplicidade,
antes que mirto e rosa és a flor preferida
da minha solidão e da minha saudade.

No leve caule erguida a pompa da coróla,
balouçada ao capricho inconstante do vento,
tua vista recreia e teu nome consóla
este amargo, secreto e divino tormento.

A fina aureola esfólho ao vento matutino.
Cada folha arrancada é presagio da sorte.
Misterio! Um tudo, um nada; uma flor, um destino!
Amor, paixão, frieza, o céu, o inferno, a morte.

XVI

Não culpo a mão cruel que me abriu esta chaga
que ainda sangra e gotteja.
Um grande amor com grande ingratidão se paga.
Pois é assim, assim seja.

Chóro do teu contacto a nódoa que me fica,
tenebroso legado;
ó amor que dissipei, creatura impudica,
e tão mal empregado.

XVII

Não me queixo de vós, de quem fui o offendido,
— já não têm contra mim vossas armas encanto —
nem do vosso desdem longamente curtido.
Mas que descesseis tanto;

mas que o meu cherubim tombasse no monturo,
o anjo dissimulasse a serpe astuta e fria;
que nesse chumbo vil se mudasse o ouro puro,
como vos perdoaria?

XVIII

A S. R.

O dia nasce e morre, outro dia renasce.
Succede e se renova o tempo fugitivo.
O homem, Silvio, não muda, e do berço ao trespasse
ama, trabalha, soffre, e espera sem motivo.

Dos deuses, caro Silvio, o designio é profundo
que aos homens veda e cerra os arcanos da sorte;
mas uma voz me diz que tudo é vão no mundo,
caro, e que só existe uma certeza, a morte;

que a terra que nos cria é sinistra coveira,
que o penar não tem fim, que o prazer pouco dura,
que o sorriso do amor dissimula a caveira
e o velludo da relva esconde a sepultura.

XIX

Filho, a bondade é sol e alegria do mundo.
Sê bom! Dá do teu pouco, á vontade e a contento.
Semeia! O coração dos homens é fecundo
como um campo lavrado onde um grão rende um cento.

Ama. Esquece e perdôa. Amanhan morreremos.
Dura e gélida aos máus é a pedra do jazigo.
Mas o amor redolente e seus lirios supremos
vestirão de esplendor a nudez do mendigo.

XX

Que mais queres de mim, mocidade atrevida
que me estendes de longe uma palma irrisoria?
Minha taça exgottei no banquete da vida;
á mesa do festim cantei o amor e a gloria.

Mas o teu beijo, amor, e gloria, o vosso louro
immortal, para mim já não têm mais encanto.
Já Dionisio não sou tangendo a lira de ouro.
Entre espectros caminho, a sombras fallo e canto.

E si acaso na terra alguma doce imagem
meu coração retem prisioneiro do instante,
o que lhe apraz é a rosa innocente e selvagem,
desdenhosa como elle e como elle inconstante.

XXI

A A. G.

Mestre Affonso, o poeta é o semeador. Semeia
longe e sem conta o grão na terra avara e rica.
Mestre, um deus abençoa o gesto da mão cheia
e milagrosamente o germen multiplica.

Chega o tempo da ceita, a sazao das vindimas.
Brutos virão pilhar o meu rico thesouro,
meus lindos parreiraes, minhas messes opimas.
Mas o céu me reserva outra palma, outro louro!

XXII

Interroguei o céu, as ondas, o arvoredo,
busquei nas fórmas vans o enigma que tortura.
Mas o deus taciturno esconde o seu segredo
e desconhece a voz da sua creatura.

Montes, mares e sóes, infinitos espaços,
bem vos entendo a dor sublime e descomposta.
Como eu torceis as mãos, como eu abris os braços
e como eu perguntais o que não tem resposta.

XXIII

Esta nação portugueza
o nada estrangeiro estima,
o muito dos seus despreza.

SIM. MACHADO.

Feliz quem viu a luz num cantinho de terra
duro e ingrato, lapão, esquimó, troglodita,
e no berço natal seu grande amor encerra.
Mais feliz quem lhe coube esta patria bemdita;

que nada tem que inveje, em graças excellente,
na belleza sem par e nos fructos opima.
Mas não fossemos nós daquella brava gente
que o seu muito despréza, o nada alheio estima.

XXIV

Cimos por onde andei, sempre este bando horrendo
a seguir-me, e a ganir atrás de mim correndo!
Histriões, menestreis, corja vil, turba hiante!
Ora pois, tórno atrás, por que vades diante.

II

I

Inutilmente o espirito procura.
O pensamento é baixo, a fórma escura.
Cimos dourados! fontes!
Oh claridade! Alturas! Horisontes!

Tu, natureza, sabes o segredo
de crescer e subir como o arvoredo
e, como agua corrente,
ser limpido, profundo e transparente.

II

A rajada ululando em noites tenebrosas
meu jardim devastou, bello e florido um dia.
Coração, que me quer esta rosa tardia?
Já não se entendem mais meu coração e as rosas.

Perdido tenho aquelle alto e soberbo entono
que enchia e dilatava as cordas do meu peito.
Já nada mais espero. Os bens da terra enjeito.
Meu grande amor sublime amortalho no outono.

III

Já foi tempo que amei a luz da madrugada,
o ardor do sol batendo o mar e as penedias.
Hoje mais quero a noite immensa e socegada;
no silencio e na sombra acabarei meus dias.

Vida absurda e cruel, teu calice rejeito!
A noite me acompanha, á noite me confio.
Que outro peito fraterno entendêra este peito,
o seu desesperado e surdo desafio?

IV

O que sondo é misterio. O que tópo é segredo.
Grutas, fraguas!
Fontes frias, falai-me! Escutai-me, arvoredo,
sombras e aguas.

Respondei, natureza immortal, amo e ignóro!
Deus cruento!
Lá rugir e roncar, céu azul, mar sonóro,
isso é vento.

V

Dorme a noite no céu, noite da minha vida!
No mais fundo de mim geme uma nova corda.
Estremece e resôa uma voz nunca ouvida.
De harmonia e de amor meu coração transborda.

Que me quer teu favor, destemperada sorte,
no meu torvo destino a estrella que fulgura,
e esta gotta de mel prelibada na morte,
que encheu e extravasou a taça de amargura?

VI

A A. M.

De que vale o rumor de uma gloria importuna,
de um louro illustre, Abnér, a offerenda tardia?
Minha porta cerrei aos ventos da fortuna.
Sentado ao pé do lume, espero o fim do dia.

Diligente sem pressa, operoso sem bulha,
vendo arder e estalar a chamma alviçareira,
subir, luzir, tremer e apagar-se a fagulha
que foi sol, alegria e gloria da lareira.

VII

Entre as nuvens do céu, naquelle cimo abrupto,
nasceu, cresceu, subiu um pinheiro esquecido.
Verde sombra não dá. Ninguem lhe quer o fructo.
Inutilmente agita os braços de vencido.

Triste o que amou na terra e vive inconsolado!
Triste o que funda um bem no mundo passageiro!
Mais triste o que nasceu e viveu exilado,
solitario entre os seus e na patria estrangeiro.

VIII

Adeus! Meu coração é de exilio e aventura.
Vou partir! Egle, adeus, irmanzinha innocente!
Mãe que embebeste em fel a tua creatura!
No deserto solar não procureis o ausente.

Meu desejo é do mar infinito e risonho,
de ar livre e espaço azul, de praias e de areias.
Quero, antes de morrer, sonhar meu lindo sonho
e dormir embalado ao canto das sereias.

Minha voz unirei aos bramidos do largo.
Juntos palpitarão na areia e no granito
meu coração e o mar. Nem sei qual mais amargo,
mais descrido de deus, mais só, mais infinito.

IX

A L. M.

Do mais tenro botão desabrochou a rosa,
Lauro, da divindade adoravel feitura.
Sua tenue, subtil, secreta architectura
igualmente que bella é vasta e tenebrosa.

No universo immanente a Perfeição existe.
Mas a obscura raiz lhe occulta a natureza.
Deus esconde, ai de nós! a essencia da Belleza,
e a fórma que revela é sombra muda e triste.

X

Esperanças engano e saudades consólo.
Em vão! Terra de exilio é patria de infelizes.
O homem comparo á planta arrancada do sólo;
no sitio onde nasceu, alli deixou raizes.

E, seja umbroso valle ou solitaria rocha,
tarde ou cedo, algum dia em toda a eternidade,
naquelle mesmo sitio uma flor desabrocha,
como no coração desabrocha a saudade.

XI

Manhanzinha de festa e baptisado!
Deus orvalha os caminhos,
o monte e o valle, o campo matizado,
os corações e os ninhos.

Em cada ramo tremulo e captivo,
em cada fronte oppressa,
deita uma gotta, santo sedativo
ou celeste compressa.

XII

.. *A G. A.*

Sabios! Sabedoria orgulhosa e demente!
Mais verdade profunda ha no cális de um lirio
na tenue gotta dagua e na obscura semente
que na vossa loquela e no vosso delirio.

Gilberto, a natureza é o deus presente e occulto
no ar, na seiva, na flor, no seixo e no granito.
Enche a terra, enche os céus, dentro de mim o ausculto,
pendulo universal, coração infinito.

XIII

Insensato edifica o que funda no vento;
desasisado escreve o que na areia escreve.
Mestres são tempo e estudo. Obreiro grave e lento,
meu sonoro metal caldeio em fôrma breve.

Como é breve a esperança e breve o desengano,
o dia em que amanheço, a noite em que me agito,
breve a concha do mar e reflecte o oceano,
breve o teu beijo, amor, e contém o infinito.

XIV

Não me peças a flor divina da esperança,
que nasce e desabrocha ao sol da primavera;
nem os lirios do amor, que a mocidade entrança.

Ai de mim! Foi um dia o meu jardim florido,
meu ditoso vergel de sonho e de chimera.
Tanto rosal em flor desfolhado e varrido!

Só no esteril torrão obstinada resiste,
roxa, purpurea chaga, emblema do desgosto,
a saudade immortal, ultimo bem do triste.

Egle, adeus! Vai com o amor, que te segue e acompanha;
com a aurora que sorri nas rosas do teu rosto
ao que já desce a meio a encosta da montanha,

no silencio, no occaso e na sombra do outono,
e taciturno inclina a fronte sem ornato,
imagem da tristeza, espectro do abandono,

e só tem para dar-te as mãos cheias de abrolhos,
saudades que cultivo em duro chão ingrato,
nascidas de meus ais, regadas de meus olhos.

XV

A A. T.

Nenhum som se compara ao da lingua materna
ouvida em terra alheia entre gente estrangeira.
A patria nos possue como uma onda eterna.
Todo outro amor humano é tenção passageira.

Mas o som que prefiro, o som que mais me agrada,
é nos pagos do sul o grito do pampeiro,
e o chôro do violão nas noites de invernada,
ao lume do fogão, no rancho do tropeiro.

XVI

Recórdo, heróe, recórdo. Uma noite do pampa
(cavalgavamos rente ao rincão argentino)
teu vulto de guerreiro, evocado da campa,
em nossos corações pesou como o destino.

Alvejava na sombra o marco divisorio.
Refreiando o animal, meio erguido na sella,
um de nós gritou alto : Osorio, Osorio, Osorio!
E a bella morte, alli, nos pareceu mais bella.

XVII

Deixa-me, este ar suffoca, esta noite asfixia,
partir e retomar a senda do exilado.
Além, no céu distante onde resplende o dia
descançará talvez meu peito atribulado.

Não procures deter meu passo fugitivo,
que vacilla ao transpôr a soleira da porta.
Meu coração padece e não tem lenitivo
onde toda esperança e toda crença é morta.

E uma surda, secreta e sinistra ameaça
implacavel persegue e enxota o peregrino.
Braços que me prendeis, deixai passar quem passa,
a tormenta, o seu raio, o homem, o seu destino.

XVIII

Longe me andais buscando e de vós estou perto.
Nem vêdes que vos vejo e sigo a todo instante,
nem vos ouço bater o coração deserto.
Ai de mim! ai de nós! Tão perto e tão distante!

Um dia me achareis, que embalde vos procuro.
Já não serei quem sou, vosso servo e offendido.
Inerte dormirei no meu sepulcro obscuro.
E me achareis, então que me houverdes perdido.

XIX

A violeta de Parma, a tulipa de Hollanda,
nem o lirio de França altivo e forasteiro,
não brilham como tu, no talo ou na guirlanda;
teu perfume não têm, rosa do meu canteiro.

Rosa esquiva e louçan, roseirinha silvestre
desabrochada em flor aos pés do viandante,
doce lingua materna, alegria do mestre,
desespero do alumno e terror do pedante.

XX

A A. M.

Feliz quem foge o mundo, Augusto, e seus cuidados.
E ermitão, sabio, heróe, sentado em dura penha,
côa na solidão breves dias contados.
Mais feliz, caro Augusto, o que passa e desdenha.

Que lhe importa do mundo ou recompensa ou paga;
de humana gloria o lume incerto e pequenino,
que vacilla, se esvai, se dissipa e se apaga!
E que importa o terrestre ao que aspira ao divino!

XXI

Duas cores rivaes tenho impressas na mente.
Entre todas as mais, amo a verde e a amarella.
Esta manda querer, obedecer aquella;
e ambas amar a patria irreductivelmente.

Si eu morrer amanhan — tal não permitta a sorte —
do derradeiro adeus na hora derradeira,
meu corpo amortalhai nas dobras da bandeira.
Quero morrer assim, ha de ser doce a morte.

XXII

No mais fundo de mim dorme uma melodia,
cadencia languorosa e toada plangente.
No rancho de um tropeiro ouvi canta-la um dia
quando tornei a ver meu povo e minha gente.

Os cavallos á soga erravam na espessura,
a agua do chimarrão fervia na chaleira.
Meu coração contente aspirava a doçura,
a bondade e o calor da patria hospitaleira.

XXIII

Viesseis hontem, com os vossos labios de criança,
vossa fé, vosso ardor! De par em par abrira
as portas de rubi, de ónix e de safira
do meu palacio de ouro onde ria a esperança!

Viesseis com a vossa graça e a vossa melodia
e esse entono de gloria ovante no horisonte,
viesseis tomar-me as mãos, viesseis tocar-me a fronte,
que abrasava e dourava o sol do meio-dia.

Hoje, o silencio habita o palacio em ruina
onde furtivamente erram de porta em porta
o Passado distante e a Mocidade morta,
par fraterno, sorrindo ao dia que declina.

A flamma consumiu as fléchas e as arcadas,
os altos tectos, de ouro e marfim embutidos,
meus lindos torreões tombaram abatidos,
o vento dispersou as aguias derrocadas.

E de tudo o que foi grandeza, orgulho, entono,
esperança! inconstante, alada mensageira,
só me resta afinal esta cinza ligeira
que sopro ao vento, vão holocausto do outono.

XXIV

Fulvio, o zoilo, o louvor e a censura dispensa.
Do optimo falla mal, bem do pessimo. E pensa:
"Gloria aos burros!" zurrando á frente da tropilha.
Fecha os olhos ao sol e crê que o sol não brilha.

A DESPEDIDA

Eu vos ensino o amor. Meu corpo remoçado
um momento revive as horas do passado.
E no meio de vós, convivas recolhidos,
sinto em mim renascer o ardor dos tempos idos,
meu primeiro, saudoso e juvenil entono,
como a arvore antiga um derradeiro outono
de folhagem garrida e de fructos se touca.

Eu vos ensino o amor. Fé que interroga é pouca.
Mas a boa raiz produz o doce fructo.
Eu vos ensino o amor total, livre e absoluto,
amor principio e fim, unico que não erra,
eu vos ensino o amor infinito da Terra
luminosa, fecunda, immensa e multiforme.
Do grão de areia ao sol, do verme ao monstro enorme,
do que humilde rasteja ao que adeja sublime,
amai! o amor consola; amai! o amor redime.
Corações, aquecei! abrasai, viva flamma!
Amai! Muito comprehende, amados, quem muito ama.

Um circulo infinito é a creação immensa.
E o duro seixo, o bruto, o homem que soffre e pensa,
todo o ser no universo, os vivos e os não vivos,
são, meus filhos, talvez, os élos successivos
de uma eterna, incessante, invisivel cadeia.
Misterio e amor é a Terra. Amai-a e comprehendei-a.
E vereis dissipar-se a névoa da torrente
e o misterio tornar-se claro e transparente.

Eu vos ensino a Vida. Em cada creatura
respira o creador da obra-prima futura,
o architecto da mais alta torre, o piloto
do mais longinquo mar e do céu mais remoto,
o pioneiro dos mais arduos cimos, o athleta
da mais dura fadiga e da mais longa méta.
Sêde um desses! Marchai! Lutai! Ide por diante!

Pioneiros, caminhai na aurora radiante!
Viver que importa, irmãos! Importa o esforço e a luta!
Gloria ao que sonha e canta e gloria ao que executa!
Não ha trabalho vil e não ha baixo officio.
Só a inercia é vileza e só deshonra o vicio.
Amados! preservai do filtro deleterio
vossos corpos que são as urnas de misterio
que o nosso amor consagra ás kermesses futuras!
Um deus presente assiste o obreiro de mãos puras,
multiplica o celleiro, abençôa a fazenda.
Amigos, o trabalho é como uma offerenda.
Filhos, é a libação suprema aos deuses grata
si o coração é puro e limpo como a oblata.
Sacerdote, orador, artezão, magistrado,
misero o que carrega um nome deshonrado,
o que desdoura a toga, o que envilece a blusa,
o que trahe por dinheiro e por dinheiro accusa.
Não encontre na terra um coração de amigo
que pulse a igual do seu na gloria e no perigo.
Nem casto olhar de amor o acompanhe na luta.

Lançai de vós a mão que não fôr impolluta!
Sêde, quaes vos figuro, os Principes Perfeitos!
Como os lirios crescei, altos, brancos, direitos!

Este lemma final inscrevo em vosso escudo:
Servireis e amareis a patria antes de tudo,
indivisivelmente, irreductivelmente!

Ide agora! Tomai o sacco de semente.
E, pois a madrugada o horisonte arroxeia,
lançai diante de vós, alto e longe, á mão cheia,
voltados para a luz que côa do nascente,
no sulco rectilineo aberto de recente
que ainda guarda o calor da terra revolvida,
o grão dourado e cheio, alegria da vida,
que cresça e fructifique ao sol multiplicado.
Não vos direi: fugi do mundo e do peccado.
Moços, direi: fugi do vicio e da impostura;
do sopro de paul que cresta a flor de altura
em vossos corações nascida immaculada;
do monstro fome-de-ouro, e da immunda cilada
do sophista, do escriba e dos máus prégadores,
do odio e da hipocrisia.
Ide, semeadores!

Primeiro que me cale o grão rebenta e gréla!
Mas, lá diz o rifão, velhice é tagarela.
E não sei que temor ou que presentimento
me advertiu, filhos meus, que era vindo o momento,
e nunca mais talvez me acharia comvosco
neste logar, sentado á meza de pau tosco,
debaixo da latada onde se enleia a vinha,
charlando e discreteando a sós; e que convinha
que uma palavra austera, opportuna e medida
regesse e festejasse a nossa despedida,

nesta hora faustosa e solenne entre todas
que ha de testemunhar no tempo as nossas bodas
sob a especie da Patria; e que um beijo sagrado
sellasse para sempre o pacto celebrado
e recolhesse a vossa inflexivel promessa
quando um mundo se acaba e outro mundo começa.

Vinde! — Tu, meu dilecto e fogoso romeiro,
meu gardingo! Entre os mais, foste sempre o primeiro,
de pé com o sol jocundo, alerta e destemido.
Este, á fé que o não colhe a fortuna dormido!
— Tu, meu descobridor de invisiveis thesouros!
Respiro, affago e beijo os teus cabellos louros
e tres vezes lhes lanço a benção do diadema.
— Tu, do aédo esperança e delicia suprema!
Com que gosto embocando uma frauta silvestre,
confundindo os rivaes, igualavas o mestre!
Já não tinha o cantor para ti mais segredos.
— E tu, meu bom colono! — E vós, meus citharedos,
meus canoros rivaes, cantai! vibrai! O verso
é a celeste harmonia esparsa no universo.
E' a sublime oração que derrama na altura
aos pés do creador a voz da creatura.

Ide, agora. A caminho! E que nenhum lamento
ocioso profane o nosso apartamento,

que o chorar e carpir é proprio de mulheres.
Vós, um deus vos reserva a mais altos misteres!
Eu mesmo, retesando o corpo que se inclina,
comvosco descerei a encosta da collina.
Meus olhos lavarei na verdura dos prados.
Sus, varões!
Mas adeus! meus passos emperrados
já não querem mover o peso da carcassa!
Daqui vos seguirei com a vista curta e escassa.
E quando vos perder além, na róta infinda,
os olhos fecharei para vêr-vos ainda.

Mocidade, a caminho! Adeus! Segui direito,
cantando e porfiando, o atalho rude e estreito
que do valle conduz á crista da montanha,
aspera de galgar, temerosa e tamanha,
mas banhada de luz nos cimos commettidos.
Não volteis para trás os olhos e os sentidos.
Erectos caminhai na trilha certa, a fronte
alçada para o sol, que nasce no horisonte.

Astro e milagre eterno! Eu succumbo no occaso.
Mas tu, fonte de vida e de alegria, vaso
adoravel, recebe em tua incandescencia,
na tua luz transfunde, accende e abrasa a essencia
do meu corpo mortal, mesquinho e miseravel.

Faze que a morte horrenda, espectro inexoravel,
não seja para mim silencio e acabamento,
e dia sem fadiga, e noite sem lamento,
e ocio eterno! Mas dá que eu possa cada dia
como tu renascer naquella penedia,
como tu repartir-me em bençãos no universo,
como tu derramar-me infinito e diverso
entre os homens que amei, sobre estas frontes caras,
dourando os corações, os berços, as searas,
o rancho do pastor, a estrada do viandante,
como tu, Coração immenso e transbordante,
Alegria de dar sem medida e sem conta
mesmo a ingratos e máus.

Hosanna!

O sol desponta.

INDICE

I

Esta concha nasceu, como Venus, da onda..... 9
O cáes á noite. Longe o farol no oceano..... 11
Tenho dentro de mim vossa imagem presente..... 13
Como pódes andar e seguir teu caminho..... 15
Deuses, de tantos bens que a fortuna dispensa..... 17
Lola, não te envelhece o tempo nem a idade..... 19
Rompendo a treva, o sol, sem medir, se reparte..... 21
Athenas tem mais sal e Roma tem mais arte..... 23
Portentoso orador! Oh facundia inaudita..... 25
Vosso corpo, Climene, é o paiz de chimera..... 27
Filho obéso de Bacho e da musa porcina..... 29
Nunca fui nem serei dos teus amantes, lua..... 31
Manhã do mundo eterna renascida..... 33
Este dia acabou sem sol e sem occaso..... 35
Margarida do valle, agreste margarida..... 37
Não culpo a mão cruel que me abriu esta chaga..... 39
Não me queixo de vós, de quem fui o offendido..... 41
O dia nasce e morre, outro dia renasce..... 43
Filho, a bondade é sol e alegria do mundo..... 45
Que mais queres de mim, mocidade atrevida..... 47
Mestre Affonso, o poeta é o semeador. Semeia..... 49
Interroguei o céo, as ondas, o arvoredo..... 51
Feliz quem viu a luz num cantinho da terra..... 53
Cimos por onde andei, sempre este bando horrendo..... 55

II

Inutilmente o espirito procura..... 59
A rajada ululando em noites tenebrosas..... 61
Já foi tempo que amei a luz da madrugada..... 63
O que sondo é misterio. O que tópo é segredo..... 65

Dorme a noite no céo, noite da minha vida..... 67
De que vale o rumor de uma gloria importuna..... 69
Entre as nuvens do céo, naquelle cimo abrupto..... 71
Adeus! Meu coração é de exilio e aventura..... 73
Do mais tenro botão desabrochou a rosa..... 75
Esperanças engano e saudades consólo..... 77
Manhanzinha de festa e baptisado..... 79
Sabios! Sabedoria orgulhosa e demente..... 81
Insensato edifica o que funda no vento..... 83
Não me peças a flor divina da esperança..... 85
Nenhum som se compara ao da lingua materna..... 87
Recórdo, heróe, recórdo. Uma noite do pampa..... 89
Deixa-me, este ar suffoca, esta noite asfixia..... 91
Longe me andais buscando e de vós estou perto..... 93
A violeta de Parma, a tulipa de Hollanda..... 95
Feliz quem foge o mundo, Augusto, e seus cuidados..... 97
Duas côres rivaes tenho impressas na mente..... 99
Duas côres rivaes tenho impressas na mente..... 101
Viesseis hontem, com os vossos labios de criança..... 103
Fulvio, o zoilo, o louvor e a censura dispensa..... 105

A DESPEDIDA 109